

Artigos

Ideias de Botequim: Curiosas ligações

Detalhes Publicado em Segunda, 23 Fevereiro 2015 15:26



Curtir

Compartilhar

2

Tweet

0

g+1

0

Share

Curiosas ligações

Por **Ciro Marcondes Filho**

"Teria o episódio Charlie Hebdo alguma coisa a ver com a tragédia dos Kennedy? Na melhor das hipóteses, para alguns, com o episódio das Torres Gêmeas?"

O caso Charlie Hebdo está ficando cansativo. Como todos os temas que passam nos grandes meios de comunicação, a lógica é cansar o leitor/telespectador com excesso de informações marginais e nunca atingir o centro, onde as coisas de fato são decididas. Assim, todos ficam saturados e nada fica sabido. Política da desinformação informando. É o que Baudrillard chamava de "hipertelia" informacional: excesso de informação (repetitiva) que leva à total desinformação.

Estratégia muito bem aceita por todos os grandes grupos de media. Bombardear a opinião pública com o mesmo, *ad nauseam*, até não se poder falar mais no assunto. Overdose. E ninguém acaba entendendo muito bem o que houve, pois, os "Je suis Hebdo", assim como apareceram logo em seguida ao atentado, vão sofrendo a concorrência de outros, mais cautelosos, que preferiram dizer não, acho que não, a coisa está meio estranha...

Teria o episódio Charlie Hebdo alguma coisa a ver com a tragédia dos Kennedy? Na melhor das hipóteses, para alguns, com o episódio das Torres Gêmeas? No caso Kennedy, há uma trama oculta que a nós, meros mortais, escapa, pois os principais "planejadores" acabam por liquidar os executores. Lee Harvey Oswald, assassino de John Kennedy, foi assassinado por Jack Ruby, que também teve morte misteriosa quando esperava novo julgamento. Bob Kennedy, antes de se tornar presidente dos Estados Unidos, foi morto por Sirhan Sirhan. E ninguém chega aos verdadeiros mandantes. O crime organizado está sempre muito bem escondido. Nos meandros do poder econômico e político. Na França, os irmãos Said e Chérif Kouachi, autores dos disparos que mataram doze jornalistas, foram igualmente assassinados logo em seguida.

Muito estranho. Há muita gente que lucra com essas tragédias políticas. Há pessoas que atribuem a Bush o episódio das Torres Gêmeas, que ele o teria provocado para salvar sua popularidade em queda vertiginosa. Tem algum sentido. Igualmente, na França, o atentado serve muito bem ao avanço do extremismo de direita que não suporta a presença e a persistência com que os muçulmanos defendem suas crenças.

Panfleto anti-islâmico

Charlie Hebdo era um panfleto ostensivamente anti-islâmico. Não satirizava tudo. Alguns amigos eram poupados, como, por exemplo, os israelenses. Nenhuma charge contra Benjamin Netanyahu, nenhuma palavra sobre o recente massacre dos palestinos na faixa de Gaza matando 1500 civis e 500 crianças. Ao contrário, demissão do jornalista Siné, que tentou satirizar o judaísmo.

Ou seja, o atentado ao Charlie Hebdo não é contra a imprensa, contra a "liberdade de imprensa", mas a

favor da campanha empedernida que franceses têm progressivamente desenvolvido contra uma cultura que eles não entendem nem querem entender, mas da qual se fizeram useiros e vezeiros durante décadas de colonialismo. Não sei se sou Charlie. Talvez eu seja Gaza.

Tal como em Nova York, este atentado foi numa grande metrópole do Ocidente, Paris, e isso não é por acaso. Como comentou José Carlos Ruy, “foi um ato de guerra e não, como o debate que se seguiu quer fazer acreditar, uma ação contra a livre manifestação do pensamento ou a liberdade religiosa”.

Tampouco tem a ver com a liberdade de imprensa, que é outro mito de nossa cultura. Quem conclama a liberdade de imprensa são sempre os patrões. Arvoram-se o direito de falar o que quiser sem ser punidos ou perseguidos. Os pequenos não se batem pela liberdade de imprensa porque já não têm liberdade, nem econômica nem política.

No Brasil, o episódio ressuscitou esse debate sobre a liberdade de imprensa. Os donos dos grandes veículos de comunicação se consideram acima dos governos, da democracia e da constituição. O caso Veja, em outubro passado, foi o exemplo mais crasso: uma revista se dando o direito de azucrinar o processo eleitoral, violentando e buscando inverter a voz da população. É igualmente um ato terrorista. O processo eleitoral, se verdadeiramente soberano, tem instrumentos para coibir essas formas golpistas.

Nesse sentido, pode-se considerar o crime da revista Veja não apenas jornalístico, mas uma verdadeira ação visando à implosão da democracia. Portanto, um ato de força, atuando num momento particularmente delicado da decisão popular. Crime de lesa-pátria.

Atentados

Nesses atentados, assassinatos, massacres de populações inteiras destaca-se algo curioso: uma ideia de limpeza. No estado nacional-socialista tratava-se de limpar o país da “raça suja”, que teria contaminado o povo alemão. Hoje, a França sente que seu território está sujo. Há muçulmanos em toda parte, com seus credos, sua veneração a Maomé, seu Alcorão. O Brasil também tem isso. Os médicos paulistas propuseram, nas últimas eleições, esterilização em massa da população nordestina. Tudo para limpar, tirar o feio, o diferente, aquele que não é igual a mim. Que suja minha praia. Ideologia dos shopping centers: um ascetismo que neutraliza a diferença, o que foge do padrão, o que é humano.

Todos praticam seu fascismo doméstico. Himmler deveria estar delirando quando propôs a “solução final” para a raça semita. Pois ele levou ao pé da letra aquilo que seu chefe via como um “desígnio de Deus” e, por isso, ambos foram eliminados. Porque exageraram nas medidas, no ostensivo, no delírio. Não agiram com a acuidade dos que mandam matar e não se envolvem. Dos que não aparecem.

Os homens e mulheres que se escondem atrás dos atos terroristas, dos assassinatos, das barbáries coletivas jamais aparecem. Defendem suas ideologias totalitárias com tudo o que podem e ignoram a palavra diálogo. Com tolerância zero ao que lhes é diferente, seu modo de ação é o aniquilamento sumário. Hoje, não podem mais mandar seus generais matar todos os inimigos ou encarcerá-los em campos de concentração. Os matam de outra forma.

O Brasil e a França têm similaridades. O Brasil é um país racista que necessita da população nordestina, mas a trata como os escravos, no passado: eu aqui, eles lá. O mesmo do francês com os árabes. Médicos brasileiros do sul têm preconceito contra pobres e propõem esterilização da

"Os homens e mulheres que se escondem atrás dos atos terroristas, dos assassinatos, das barbáries coletivas jamais aparecem. Defendem suas ideologias totalitárias com tudo o que podem e ignoram a palavra diálogo"

população nordestina, porque vota numa candidata que eles não apreciam. Franceses marginalizam e tratam árabes como cidadãos de segunda categoria.

♦ **Ciro Marcondes Filho** é jornalista e professor titular da ECA-USP.

Curtir **Compartilhar**

2

Tweet 0

g+1 0

Share